

Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

PREPOSIÇÃO: UM ESTUDO COMPARATIVO DE
GRAMÁTICAS LATINAS E DE LÍNGUA PORTUGUESA

Maria Ozana Lima de Arruda

Lídia de Araújo Lopes



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



Preposição: um estudo comparativo de gramáticas latinas e de Língua Portuguesa

2

Preposition: a comparative study of latin and portuguese grammar

Maria Ozana Lima de Arruda¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3017-3151>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5483160509504868>

E-mail: mlarruda@uea.edu.br

Lídia de Araújo Lopes²

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1778-6716>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6087888604412266>

E-mail: lidiadearaujlopes@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar gramáticas de Língua Portuguesa e Latina, com a finalidade de proporcionar um estudo comparativo a respeito da classe de palavra das preposições e seu uso, tanto em uma língua quanto em outra, para que possamos estabelecer relações de proximidades e afastamento em sua evolução para a Língua Portuguesa do Brasil. Para isso, usou-se o método de pesquisa bibliográfica, em que se buscou por teóricos que já estudaram o tema com contribuições em livros, artigos e teses, e posteriormente a análise das gramáticas propostas por esse trabalho, a saber, a *Gramática descritiva do Português brasileiro* (Perini, 2016); *Gramática normativa da Língua Portuguesa* (Lima, 2011); *Gramática histórica da Língua Portuguesa* (Said Ali, 1964) e *A arte maior e arte menor* de Donato (Dezotti, 2011).

Palavras-chave: Preposição. Gramática. Língua Portuguesa. Língua Latina.

Abstract: This article aims to analyze Portuguese and Latin language grammars, with the aim of providing a comparative study of the word class of prepositions and their use, both in one language and in another, so that we can establish relations of proximity and distance in its evolution to the Portuguese language of Brazil. For this, the bibliographic research method was used, in which theorists who had already studied the subject with contributions in books, articles and theses were searched, and later the analysis of the grammars proposed by this work, namely, the *Gramática descritiva do Português brasileiro* (Perini, 2016); *Gramática normativa da Língua Portuguesa* (Lima, 2011); *Gramática histórica da Língua Portuguesa* (Said Ali, 1964) and *Ars maior and minor* of Donato (Dezotti, 2011).

Keywords: Preposition. Grammar. Portuguese Language. Latin Language.

¹ Doutora em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP), docente do Curso de Letras no Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST), na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

² Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

A preposição insere-se dentro do grupo dos vocábulos ditos gramaticais, aos quais é atribuída a característica de maior estabilidade dentro de uma língua, isto é, trata-se de uma classe de palavra que admite menor possibilidade de sofrer alterações. Por isso, é frequentemente identificada como pertencente ao conjunto de palavras definido como invariável, dadas as limitações para o surgimento de novas palavras que possam ser reconhecidas como tais. Essas características dão a falsa impressão de que há pouco a se falar a respeito dessa classe gramatical, a ponto de não figurar como objeto em muitos estudos e raramente ter mais que algumas poucas páginas a ela dedicada nas gramáticas.

O presente estudo pretende discutir a preposição do ponto de vista justamente das gramáticas, analisando de forma mais detida como as diferentes abordagens linguísticas conceituam a classe gramatical em português e comparando a definição oferecida por um gramático de Língua Latina, em razão do fato de que boa parte das preposições tem raiz neste idioma. Desse modo, buscamos identificar no que os conceitos se assemelham e no que diferem, tanto na nossa língua, quanto na Língua Latina.

Quanto à metodologia, o presente trabalho explora, sobretudo, a pesquisa bibliográfica, uma vez que empreendemos a busca por gramáticos da Língua Portuguesa e da Língua Latina no intuito de analisar como é descrita a classe gramatical da preposição em cada uma, bem como estudos diversos que abordam a questão. Desse modo, inicialmente, analisamos o conceito de preposição nas obras *Arte menor e Arte maior* de Donato. Depois, apresentamos o conceito de preposição em gramáticas de Língua Portuguesa de diferentes abordagens gramaticais, uma vez que cada uma apresenta uma forma particular de compreender uma língua e abordam diferentes aspectos em função da necessidade de estudar os fenômenos. Desse modo, uma gramática pode valorizar o aspecto descritivo e priorizar a descrição da língua tal como ela é falada, ou o aspecto histórico, e priorizar o percurso evolutivo da língua, ou o aspecto normativo, que prioriza o estudo da língua tendo em vista as normas e regras que regem o seu uso de forma padronizada. Assim, escolhemos um exemplar de cada abordagem, a saber, a *Gramática normativa da Língua Portuguesa* de Carlos Henrique da Rocha Lima (Lima, 2011), com abordagem normativa, a *Gramática descritiva do Português brasileiro* de Mário Perini (Perini, 2016), com abordagem descritiva, e a *Gramática histórica da Língua Portuguesa* de Manuel Said Ali (Said Ali, 1964), com abordagem histórica.

1 O conceito de preposição

Inicialmente, é importante apresentarmos a classe gramatical das preposições, para isso, lançamos mão de duas gramáticas de Língua Portuguesa, a *Nova gramática do*

Português contemporâneo de Cunha e Cintra (2016) e a *Novíssima gramática da Língua Portuguesa* de Domingos Paschoal Cegalla (2008), para que possamos entender melhor nosso objeto de estudo e suas particularidades em relação às construções gramaticais na Língua Portuguesa. Segundo Cunha e Cintra (2016, p. 569), “chama-se preposições as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (ANTECEDENTE) é explicado ou completado pelo segundo (CONSEQUENTE)”. Notemos que a primeira característica apontada diz respeito ao fato de as preposições fazerem parte do grupo de palavras que não sofrem variações, como é o caso também das conjunções e, em certa medida, dos advérbios. Após o critério morfológico, essa classe de palavras é caracterizada pelo fato de unir dois termos ajudando a estabelecer uma conexão de dependência e sentido entre eles, sendo adotado, portanto, critérios, respectivamente, sintático e semântico, uma vez que a preposição estabelece uma relação de dependência entre duas partes da oração, e essa relação também acarreta alteração no caráter semântico, uma vez que o termo consequente explica ou completa o sentido do antecedente.

Domingos Paschoal Cegalla, por sua vez, destaca também o caráter sintático da classe gramatical ao afirmar que “a preposição liga um termo dependente a um termo principal ou subordinante, estabelecendo entre ambos relação de posse, modo, lugar, causa, fim, etc.” (Cegalla, 2008, p. 268). Ao citar o critério semântico, o autor detalha os tipos de relação de sentido estabelecidos entre o termo dependente e o termo principal, de forma que são mudadas as circunstâncias da construção gramatical do período. Ele apresenta ainda uma conceituação mais restritiva “Preposição é *uma palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal, estabelecendo uma relação entre ambos* (Cegalla, 2008, p. 268). Nessa definição, observamos o caráter invariável da classe gramatical e o fato de ela apresentar aspectos sintáticos e semânticos estabelecendo uma ligação entre termos, ou seja, um lugar próprio na construção oracional. Da mesma forma, Cegalla (2008, p. 268) caracteriza-a com certos tipos de relação semânticas, como posse (como no exemplo “a motocicleta **de** Cláudio era nova”), modo (como no exemplo “Trabalhemos **com** alegria) ou lugar (como no exemplo “Isabel mora **em** Niterói)”³.

Notamos que as duas gramáticas apresentam conceituações parecidas em relação às preposições e seus usos na Língua Portuguesa, como o fato de certas preposições atribuírem sentidos diversos a depender do contexto, por exemplo, na construção: “vou a São Paulo”, em que a preposição “a” indica uma circunstância de movimento de um lugar para outro, e “Estou a sua disposição”, em que o “a” indica um modo. Vemos que elas além de estabelecer a relação, dão significados diferentes sendo indispensáveis na relação do sentido da frase.

3 Grifos do autor.

Conceituadas as preposições segundo gramáticas da Língua Portuguesa, apresentemos agora como elas aparecem em gramáticas de Língua Latina.

2 As preposições nas gramáticas de Língua Latina

Das gramáticas latinas, usamos, sobretudo, as obras de Donato, *Arte menor* e *Arte maior* (Dezotti, 2011), escritas por volta de 350 d. C, e que serviram como base para várias gramáticas clássicas na Europa medieval. Élio Donato foi professor de gramática em Roma e, além dessas informações, pouco se sabe de sua vida; sua obra, no entanto, em razão do modelo gramatical proposto, mostrou-se melhor do que as anteriores a seu tempo, tornando-se objeto de prestígio que fez seu nome ser conhecido e citado por personalidades influentes de sua época.

A arte menor é o primeiro tratado, sendo constituído de oito capítulos a respeito das partes da oração, “sobre o nome, o pronome, o verbo, o advérbio, o particípio, a conjunção, a preposição e a interjeição” (Dezotti, 2011, p. 15), os quais são apresentados de forma catequética, ou seja, por meio de perguntas e respostas normativas e memorizáveis. *A arte maior*, por sua vez, é a reunião de outros três tratados: no primeiro tratado, o gramático discute, em seis capítulos, acerca da voz, da letra, da sílaba, do pé métrico, do acento e da pontuação (Dezotti, 2011, p. 15); no segundo tratado, é apresentado novamente o conteúdo da *Arte menor*, todavia com maior abrangência e detalhamento; e, no terceiro tratado, são apresentados os vícios da oração e algumas figuras de linguagem sob a forma de virtudes.

Quanto à preposição, a *Arte menor* de Donato, apresenta uma conceituação que nos ajuda a entender como ela atua nas construções de orações e palavras na Língua Latina, e com a qual podemos perceber a sentido de sua própria nomenclatura.

Preposição é o quê? É a parte da oração que, preposta às outras partes da oração, complementa, altera ou diminui a significação delas. A preposição tem quantos acidentes? Um. Qual? Somente caso. Quantos? Dois. Quais? Acusativo e ablativo. (Donati, *Ars Minor*, 600)⁴.

Percebemos que o primeiro elemento destacado por Donato diz respeito à localização em que preposição ocorre, ela se coloca quase sempre à frente de outras partes da oração⁵. Esse aspecto sintático é primordial, dado que ele fica explícito no próprio nome da classe gramatical formada pela preposição *prae* (pré) + *positio* (posição, lugar), demarcando que ela aparece em posição preposta ao termo ao qual se liga. Logo em seguida, além de apresentar uma ligação sintática, o gramático destaca o critério semântico

4 Todas as traduções de Donato são de Lucas Consolin Dezotti (Dezotti, 2011) que por sua vez usa o texto latino da edição de Holtz (1981).

5 As partes da oração correspondem às classes gramaticais.

da preposição, acentuando que ela tem a capacidade de completar, alterar ou diminuir a significação dos termos aos quais se liga.

Donato destaca ainda que a preposição tem apenas um acidente, isto é, apenas uma categoria de análise, a de caso, e rege apenas dois casos na Língua Latina, o acusativo e ablativo. Nesses dois casos, há preposições específicas para uso em cada uma, como, por exemplo, *ad*, *circum*, e *intra* no acusativo, caso geralmente ligado à função sintática de objeto direto na oração, e *a*, *cum* e *de* no ablativo, caso comumente relacionado aos adjuntos adverbiais e à função do agente da passiva. No entanto, há preposições que tanto usam um caso como o outro, mudando assim o seu sentido na oração, é o caso de *in*, *sub*, *super* e *subter* (Dezotti, p. 2011, p. 128). A preposição *in*, por exemplo, quando rege acusativo tem a noção de que algo ou alguém vai, foi ou irá a determinado lugar; quando rege ablativo, por sua vez, indica que algo ou alguém está, esteve ou estará em determinado lugar. O gramático destaca ainda que algumas preposições só aparecem juntas a outras palavras, a saber, *di*, *dis*, *re*, *se*, *am* e *com*; enquanto outras não aparecem jamais juntas a outras palavras (*apud* e *penes*); e um terceiro grupo, por fim, que tanto podem aparecer juntas a outras palavras como sozinhas (do qual faz parte todas as outras preposições).

Como já afirmado, as definições apresentadas na *Arte menor* de Donato são iguais às da *Arte Maior*; esta, no entanto, contém mais detalhes em relação à formação de palavras a partir da união de preposições com palavras de outras classes gramaticais, assim como também apresenta as mudanças morfológicas que podem ocorrer nesse processo de formação lexical, como podemos ver a seguir (*Donati, Ars Maior*, 648-649):

De fato, ou prepõe-se ao nome, como *inualidus*; ou prepõe-se ao pronome, como *prae me*, ou lhe sucede, como *mecum*, *tecum*, *nobiscum*, *uobiscum*; ou precede o verbo, como *perfero*, ou o advérbio, como *expresse*, ou o particípio, como *praecedens*, ou a conjunção, como *absque*, ou a si mesma, como *circumcirca*.

As preposições dependem de casos ou de palavras, ou tanto de casos quanto de palavras. Paralelamente, ou se juntam ou permanecem separadas, ou tanto se juntam quanto permanecem separadas.

As que se juntam são *di*, *dis*, *re*, *se*, *am*, *con*, pois dizemos *diduco*, *distraho*, *recipio*, *secubo*, *amplector*, *congregior*; as que permanecem separadas são *apud*, *penes*; todas as outras se juntam ou permanecem separadas. Dentre estas, as preposições *in* e *con*, se entrarem numa composição de modo que as letras *s* ou *f* venham imediatamente depois, em geral se alongam, como *insula*, *infula*, *consilium*, *confessio*.

Podemos notar que os gramáticos latinos consideram a possibilidade da preposição latina poder se juntar anteposta a várias outras classes de palavras, a saber, substantivos, verbos, advérbios, particípios, conjunções ou a elas mesmas, mas também pode vir tanto preposicionada quanto pós-posicionada aos pronomes. Este fato faz, segundo Donato, com que haja uma fuga da própria arte, isto é, uma fuga daquilo que é a regra, o que, no

entanto, é um mecanismo utilizado para evitar a cacofonia ou para obedecer às regras métricas. Do mesmo modo, o gramático aponta as preposições que só podem aparecer justapostas a outras palavras, assim formando uma única palavra, como o exemplo de *recipio* (*re* + *capio*⁶). Mas também podem vir apenas colocadas à frente de uma palavra sem necessariamente está formando uma única palavra, como as preposições que antecedem os casos. Após discorrer novamente sobre a possibilidade das preposições se juntarem ou não a outras palavras, Donato acrescenta que essas preposições, cujas sílabas antes possuíam peso leve, se seguidas das letras *s* e *f*, em geral, alongam-se, isto é, tornam-se pesadas⁷.

Após citar essas informações relativas à fonologia das preposições no processo de formação de novas palavras, o gramático retoma a ideia dos acidentes já explanada na *Arte menor*, mas agora de forma mais detalhada. Donato explica que as preposições têm como acidente, categoria de análise, apenas o caso, e que este pode ser apenas o caso ablativo e o caso acusativo (*Donati, Ars Maior*, 649). Em seguida, cita novamente quais são as que regem acusativo e as que regem ablativo, bem como as que regem um e outro caso; depois acrescenta exemplos e explora a diferença de sentido entre ambos (*Donati, Ars Maior*, 649-651).

Existe uma outra particularidade fonológica das preposições, como é apontado por Donato, o fato de, quando estão separadas das palavras ou casos, terem acento agudo, isto é, serem sílaba tônica e, quando juntas, terem acento grave, isto é, tornarem-se sílabas átonas, assim como o fato de as preposições poderem, morfologicamente, corromper palavras ou serem corrompidas por elas (*Donati, Ars Maior*, 651). Desse modo, podemos ver como principal função das preposições, o fato de elas serem partículas que vêm anteposta a outras partes da oração, sem o que, perdem a sua significação, valor e lei (*Donati, Ars Maior*, 651). Por fim, Donato⁸ destaca que preposições separadas não se ligam a preposições separadas, e que quando não acompanham nenhum caso, são consideradas advérbios (*Donati, Ars Maior*, 651).

Boa parte dos gramáticos latinos exploram a possibilidade de as preposições serem consideradas advérbios, ainda que atribuam essa possibilidade a motivos diferentes. Para Donato, elas são consideradas advérbios quando não vierem acompanhadas por um caso; para Máximo Vitorino, por exemplo, além da especificidade de vir sem o acompanhamento de um caso, o acento (a tonicidade) da preposição é um dado que deve ser levado em

6 *re*: repetição, movimento para trás; *capio*: capturar, prender.

7 Na Língua Latina, a noção de peso silábico é pertinente e uma sílaba pode ser pesada se sua vogal for longa por natureza, ou se a sílaba for constituída por um ditongo ou se a sílaba for fechada, seguida de outra consoante que abra a sílaba posterior.

8 Donato (*Donati, Ars Maior*, 651-652) afirma ainda que “Há quem julgue que a preposição tem ainda como acidentes figura e ordem; figura, porque há preposições simples, como *abs*, e compostas, como *absque*; ordem, porque há preposições prepositivas, como *sine*, e pospositivas, como *tenus*. Mas nós contaremos estas e outras semelhantes entre aquelas que se denominam irregulares”.

conta para que ela seja considerada como tal ou como advérbio⁹; para Mário Plótio, se a preposição estiver regendo outro caso além do acusativo e ablativo ou qualquer outra parte da oração, passará à condição de advérbio¹⁰.

Como podemos perceber, de maneira geral, a preposição na Língua Latina está ligada à sua função na oração, a de estar anteposta a outra palavra para lhe modificar o sentido, seja a partir de uma justaposição ou apenas como ligação. No entanto, há ainda preposições que podem estar pospostas às palavras a que regem, como podem acontecer com os pronomes, conforme apresentado por Donato. Tais características da Língua Latina foram herdadas por outras línguas como o Espanhol, Italiano e a Língua Portuguesa, usada no Brasil desde a colonização.

3 As preposições na Língua Portuguesa

As gramáticas são as norteadoras do padrão de uma dada língua e apresentam de forma particular a estrutura e o funcionamento desta. Nesse sentido, apresentamos agora as definições de preposição de acordo com três gramáticas de diferentes abordagens, uma descritiva, a de Mário Alberto Perini (Perini, 2016), uma normativa, a de Carlos Henrique da Rocha Lima (Lima, 2011) e uma histórica, a de Manuel Said Ali (Said Ali, 1964).

Mário Alberto Perini é autor da *Gramática descritiva do Português brasileiro* (Perini, 2016), a qual, cujo objetivo é descrever o português falado, põe em evidência a grande diferença da língua que é usada no dia a dia dos brasileiros e a língua que é escrita no Brasil nas ocasiões formais, mostrando um abismo que divide as classes sociais, nas quais a língua padrão é, em grande maioria, prestigiada, usada por uma pequena parte escolarizada da população, enquanto nas várias regiões brasileiras se fala o português com variantes adequadas aos contextos sociais.

Segundo sua gramática, a preposição é definida como “[...] uma palavra que se coloca antes de um SN [sintagma nominal] de maneira que a sequência resultante é um **sintagma adjetivo** ou um **sintagma adverbial**” (Perini, 2016, p. 440). Assim, podemos perceber que, segundo o gramático, a preposição conserva sua característica explorada desde as gramáticas latinas de vir anteposta às palavras, nesse caso de um SN. O autor destaca ainda que a preposição pode modificar esse SN, transformando-o em um sintagma de outro tipo, sintagma adjetivo ou sintagma adverbial. Isso pode ser percebido a partir do exemplo apresentado pelo gramático, “Tereza saiu sem uma palavra”, em que a preposição *sem* acrescida do sintagma nominal *uma palavra*, forma “um adjunto com o papel temático de modo” da mesma forma que o advérbio *silenciosamente* poderia desempenhar ((Perini, 2016, p. 441).

⁹ Maximus Victorinus (1961).

¹⁰ Marius Plotius (1961).

Ainda podemos perceber que, segundo Perini (2016, p. 241) “algumas preposições são funcionalmente especializadas” o que as fazem desempenhar, quando antepostas a sintagmas nominais, o papel de sintagmas adverbiais ou sintagmas adjetivos. Tal afirmação nos lembra, como vimos nos gramáticos latinos, que, na Língua Latina, há preposições específicas para os casos acusativo e ablativos, (que eram casos relacionados, respectivamente, ao nome e ao advérbio) ou para os dois casos, como acontece com a preposição *de*, que pode desempenhar as duas funções.

A gramática de Rocha Lima, por sua vez, aborda o assunto de maneira diferente. A sua *Gramática normativa da Língua Portuguesa* (Lima, 2011) parte da estrutura e funcionamento da língua enquanto norma ou padrão a ser seguido. Ela não exclui, todavia, a existência de variantes da língua falada, assim como os estilos, gírias ou regionalismo, no entanto, não tem seu foco nessa condição.

Rocha Lima define que “preposições são palavras que subordinam um termo da frase a outro — o que vale dizer que tornam o segundo dependente do primeiro” (Lima, 2011, p. 231). Sua classificação é muito parecida com as dos demais autores, no entanto, é muito mais conceitual e reduzida, pois apresenta um conceito do que é a classe de palavras da preposição e alguns poucos exemplos básicos, além de apresentar as próprias preposições usuais na língua e suas definições.

O autor discute ainda o breve conceito por meio do sentido primário de “subordinação” entre termos da oração. Para ampliar a sua definição, o autor recorre a outra gramática, a de Mario Pereira Souza¹¹:

“Em *livro de Pedro, obediente a seus pais, moro em São Paulo*, as palavras *de, a, em* ligam entre si os dois termos da frase, que vem respectivamente antes e depois delas. Essas palavras se denominam *preposição*. Os termos que precedem as preposições (*livro, obediente, moro*) chamam-se *antecedentes*; os que as seguem (*Pedro, seus pais, São Paulo*) chamam-se *consequentes*. Como se vê, a preposição mostra que entre o antecedente e o consequente há uma relação, de tal modo que o sentido do primeiro é explicado ou completado pelo segundo.” (Lima, 2011, p. 231)

A partir do exemplo, adiciona-se um novo dado no que diz respeito à qualidade semântica da preposição, e não mais somente à qualidade sintática como é apresentada sumariamente em sua própria designação. Assim, a gramática de Perini traz como principal qualidade das preposições o fato de elas estabelecerem relações de sentido, enquanto a de Rocha Lima destaca as relações sintáticas de dependência. Em Lima (2011) ainda é possível observar que, no que tange à conceituação das locuções prepositivas, quando ocorre esse fenômeno, a última palavra será sempre a preposição, o que a

11 Mário Pereira de Sousa Lima, *Gramática portuguesa*, 2a ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1945, p. 38-9.

caracterizará como locução prepositiva, diferenciando-se de uma locução adverbial, em que a preposição vem antecedendo o advérbio.

Rocha Lima faz uma separação entre as preposições, intitulado-as como essenciais, (aquelas que vieram diretamente das preposições latinas), e acidentais (as que vieram e são formadas a partir dos advérbios). No entanto, o gramático não explora essa proximidade entre as duas classes de palavra.

Outra abordagem que podemos ter da Língua Portuguesa é a histórica, aqui representada por Manuel Said Ali. A sua abordagem da gramática da língua portuguesa parte de uma análise histórica de sua evolução e uso, considerando a língua latina e sua função atual no português do Brasil. No que diz respeito às preposições, em sua *Gramática histórica da Língua Portuguesa* (Said Ali, 1964), o autor, logo na sua introdução ao assunto, afirma que (Said Ali, 1964, p. 203):

Há pontos de contato entre os advérbios e as preposições, e sabe-se que as preposições latinas foram primitivamente advérbios. Mas ao passo que a função destes é ajuntar-se a verbo, adjetivo ou também a advérbio e modificá-lo, desempenham as preposições papel análogo ao dos sufixos dos antigos casos oblíquos. Usam-se antepostas a substantivos e pronomes (e também, ao infinitivo como forma nominal) para lhes acrescentar noções de lugar, instrumento, meio, posse, etc., e êste [*sic*] resultado se obtém mais completamente e com mais clareza do que era possível com os poucos casos oblíquos da declinação latina.

Por ser uma gramática de abordagem histórica, é dado mais destaque às relações que a preposição tem com a Língua Latina. Percebamos que o autor relaciona a preposição aos advérbios, como já foi visto que outros gramáticos também já fazem, todavia traz outras informações a respeito. Inicialmente, destacamos a afirmação de que, na própria Língua Latina, algumas preposições já terem pertencido à classe dos advérbios (Pinkster, 2005, p. 147-152), deixando um pouco mais claro o fato de algumas preposições em construções frasais atribuírem circunstâncias junto a seus sentidos. Outro aspecto explorado, é que ela vem sempre anteposta a substantivos, pronomes ou formas nominais do infinitivo, ou seja, de qualquer forma, aparecem sempre antepostas a nomes ou outras classes que exerçam função própria dos nomes, da mesma forma que se observa na gramática de Mário Perini, que diz que elas se prepoem a sintagmas nominais. Porém, Said Ali explora o fato de as preposições funcionarem como prefixos, possibilitando assim a formação de novos vocábulos, fato bastante comum na Língua Portuguesa e que, no entanto, não é suficientemente abordado. Por fim, o autor destaca os sentidos que a preposição pode conferir aos substantivos e pronomes (bem como verbos no infinitivo), os quais estão diretamente ligados às noções comumente relacionadas ao advérbio.

Ao longo do texto, Said Ali aborda também a possibilidade de a preposição vir na forma simples ou composta:

A preposição pode ser apresentada por um vocábulo ou por uma combinação de vocábulos: *sôbre o outeiro, em cima do outeiro; em uma gaveta, dentro de uma gaveta; sob o domínio, debaixo do domínio*, etc. Havendo necessidade ou conveniência, diferencemos as maneiras de exprimir umas das outras, reservando para as do segundo tipo o nome de locuções prepositivas (Said Ali, 1964, p. 203).

Quanto às locuções prepositivas, Said destaca que “vieram-nos as preposições parte do idioma latino, que conhecemos através da literatura, parte dos românicos; outras foram tiradas de advérbios portugueses acrescentando-lhes a palavras *de: depois de, diante de, defronte de, em cima de*, etc.” (Said Ali, 1964, p. 203). Logo, podemos perceber que a contribuição na formação das preposições não vieram exclusivamente do Latim, sobretudo quando ele fala das locuções, mostrando que algumas vieram de advérbios portugueses, fazendo-nos entender mais ainda a relação entre essas duas classes de palavras.

O autor apresenta ainda a evolução das preposições do Latim que se transformaram ou permaneceram e influenciaram em nossa língua. Said Ali (1964, p. 203) afirma que,

Grande número das partículas usadas na língua mãe desapareceram ou ficaram desaproveitadas como preposições. Passaram ao português: 1) sem modificação de forma, *ante, contra, de, per*; 2) alteradas, *ad> a; post> pós; cum> com; inter> antre, entre; sine> sem; trans> trás; pro> por; secundum> segundo; in> en, em; sub> sob, so*. De *tenus* viria, segundo alguns, *ataa, até, té*; segundo outros, filiar-se-ia esta partícula ao árabe *hatta*.

Segundo o autor (Said Ali, 1964, p. 204), por exemplo, o *de* “exprimiam em Latim a princípio afastamento no sentido ‘de cima para baixo’ [...]”, logo, tinha uma função e uso próprio, os quais foram perdidos na Língua Portuguesa e a preposição *de* passou a desempenhar várias funções e sentidos.

Em seu uso, como preposição na Língua Portuguesa, segundo Poggio (2016, p. 2), “a preposição **de**, em português, passou a assumir as três noções do Latim representadas pelas preposições **ab, ex e de** e mais a ideia de posse encontrada no seu sentido de base, que se exprime pela relação de subordinação de um substantivo a outro”, assim vemos que na gramaticalização para nossa língua, o *de* passou a assumir o sentido das demais preposições latinas, o que justifica sua multiplicidade de uso em construções de sentido em Língua Portuguesa.

Conforme vemos, alguns vocábulos se uniram a preposições latinas e se modificaram para formar novas palavras na Língua Portuguesa. Sustentando a afirmação de Dezotti (2011, p. 89) sobre a função das preposições na *Arte de Donato* na Língua Latina, “o gramático contempla não só a preposição propriamente dita, introdutória de uma palavra

casual, mas também a preposição empregada numa função que atualmente atribuímos ao prefixo, isto é, entrando em composição com nomes e verbos [...]”. Logicamente, na Língua Portuguesa, essas preposições passaram a desempenhar a função própria de prefixos como é o caso de *ad* (com sentido de aproximação ou direção) e também *ab* (com sentido de afastamento, separação) que também pode ser encontrada nas palavras **adjunto**, **advogado**, **abdicar** e **abster** (Cavalheiro, 2010).

O sentido usual permanece o mesmo, porém com nomenclatura e função modificada de uma língua a outra. Assim, em relação à função de antepor qualquer palavra como na primeira definição de Donato, o prefixo *Ad* e *Ab* também são preposições, pois estão antepostos a palavras e mudando seu sentido de maneira justaposta. No entanto, quando vistos a partir da modificação na Língua Portuguesa, é entendido apenas como prefixo de palavras, não havendo uma norma que a identifique de forma justaposta a outras palavras, somente se abrindo às locuções prepositivas em que outra palavra faz a função com outra preposição.

Em suma, podemos observar que na gramática histórica a preocupação é mostrar a evolução dos vocábulos da Língua Portuguesa. Como apresentado, algumas preposições vieram sem perda fonética, já outras sofreram modificações ao longo do tempo para que possivelmente se adequassem aos falantes e seus contextos. Em sua gramática histórica, Manuel Said Ali dedica um espaço bem maior que os outros autores para discussão das preposições, destacando as evoluções fonológicas, morfológicas, e semânticas ocorridas ao longo dos séculos, oferecendo, portanto, uma perspectiva mais ampla da classe gramatical em questão.

Considerações finais

A partir da apresentação das três gramáticas, vemos que, na Língua Portuguesa, basicamente há uma uniformidade quando se trata da classe das preposições pelo menos no sentido primário de prepor. No entanto, cada abordagem explora aspectos diferentes quanto à conceituação. Nas gramáticas normativas, as mais comuns nas escolas brasileiras, a preocupação é ensinar como é estruturada a língua e como ela deve ser usada. Na gramática descritiva, a maior preocupação está em descrever a língua que é falada, o que faz com que as preposições tenham pouco espaço, como na gramática de Perini. Por outro lado, a gramática histórica de Said Ali é mais expositiva em relação a como os vocábulos chegaram à Língua Portuguesa e, conseqüentemente, há maior espaço para as discussões em torno das preposições.

Expostas as definições das preposições tanto na Língua Portuguesa como no Latim, percebemos alguns pontos que as aproximam ou podem até justificar alguns usos na

Língua Portuguesa. Muito disso se deve à própria herança do Latim trazida ao Português. Todavia, algumas características do Latim se perderam e outras permaneceram, da mesma forma que outras sofreram leves mudanças no seu uso.

A estratégia primária para nomear a preposição, que se apresenta na Língua Latina, permanece a mesma nas gramáticas de Língua Portuguesa, mudando de maneira sutil sua funcionalidade dependendo da abordagem gramatical, seja descritiva, normativa ou a histórica. De modo geral, como mostra Júnior (2002, p. 20) “o reconhecimento e a definição da classe das preposições, tais como se encontram hoje nas gramáticas escolares, é produto da tradição gramatical greco-latina”.

Nesse sentido, entendemos como um ponto de aproximação entre as gramáticas das duas línguas, o próprio sentido lógico da definição, de prepor a um termo da oração, como vimos tanto nos gramáticos latinos como nos de Língua Portuguesa, ainda que no Latim seja explorado também o fato de que essa capacidade possa acontecer de várias formas, por exemplo, na justaposição de palavras, em que uma preposição se junta a outra palavra a fim de criar uma nova. Tal fato pode ser percebido na Língua Portuguesa, uma vez que várias palavras, sobretudo verbos, são formados por meio da junção de preposição + raiz do verbo (*abdicar, enterrar, discordar*, por exemplo) o que, no entanto, não é abordado em nenhuma das gramáticas do nosso *corpus*, pelo menos quando tratam da classe gramatical preposição, nosso foco neste trabalho.

Nas gramáticas da Língua Portuguesa como vimos acima, a própria maneira de definir as preposições se torna uniforme, uma vez que são apresentados, de maneira geral, pela lógica do significado, seguindo certos critérios, sejam sintáticos ou semânticos, tipos e classificações em que são geralmente apresentadas em um quadro com as principais mais usuais e exemplificados a partir da literatura (Júnior, 2002).

Do mesmo modo, podemos ver, a partir da gramática histórica, que a gramática normativa se assemelham à tradição de conceituação das gramáticas latinas, usando a lógica e uma conceituação de maneira mais memorizável, em que se tenta presumir a eficiência em internalizar no leitor o sentido da classe de palavra, usando termos próprios e divisões usuais das preposições assim também como é mostrado nas gramáticas latinas.

A partir da *Gramática descritiva do português brasileiro* (2016) de Mario Perini, podemos perceber uma maneira diferente de apresentar a preposição, menos presa às nomenclaturas e mais relacionadas ao seu uso na língua e nas atribuições diárias. Ela é tomada justamente por sua função de proporcionar uma mudança gramatical e semântica nas construções, podendo ter valor adjetivo ou adverbial, como também podemos notar nas gramáticas latinas, que seguem de muito perto a maneira de expor a classe gramatical adotada pela gramática de Donato. Nela vemos também que as preposições podem demonstrar papel temático ou não, dependendo da construção e da situação, assim ela se

apresenta de forma mais contextualizada, dado que visa a língua em seu uso no dia a dia pelos falantes.

A nossa Língua Portuguesa, por ser uma língua de origem românica, assemelha-se em muitos aspectos ao Latim, assim como outras línguas que também derivaram dele. Mesmo que o português brasileiro seja constituído por uma miscigenação de culturas e línguas, como os povos aborígenes e africanos, muito da estrutura do Latim antigo, classificações e usos podem ser vistos na língua, sobretudo, quando tratamos de gramáticas de abordagem histórica e normativa. As próprias classes de palavras são nomeadas a partir da lógica herdada do Latim, como o caso da preposição.

Referências

- CAVALHEIRO, C. E. D. B. **Reaprendendo o Português: gramática, redação e literatura**. Belo Horizonte: Cedic, 2010.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do Português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.
- DEZOTTI, L. C. **Arte menor e arte maior de Donato: tradução, anotação e estudo introdutório**. São Paulo: (dissertação de mestrado) Universidade de São Paulo, 2011.
- JUNIOR, E. D. **Preposições do português brasileiro: um estudo frequencial**. Curitiba: (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Paraná, 2002.
- LIMA, C. H. D. R. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- MARIUS PLOTIUS. *Grammatici Latini, VI. Scriptores artis metricae*. Marius Victorinus, Maximus Victorinus, Caesius Bassus etc., ex recensione H. Keilii, Hildesheim 1961, p. 428-429.
- MAXIMUS VICTORINUS. *Grammatici Latini, VI. Scriptores artis metricae*. Marius Victorinus, Maximus Victorinus, Caesius Bassus etc., ex recensione H. Keilii, Hildesheim 1961, p. 203-204.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do Português brasileiro**. Petrópolis: Vozes (coleção de linguística), 2016.
- PINKSTER, H. **On Latin adverbs**. Amsterdam: Amsterdam Academic Archive, 2005.
- SAID ALI, M. **Gramática histórica da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

